

Revolução

Margret Kuhlmann*

Numa manhã de inverno, o sol corisca nas ruas de um lugarejo interiorano do sul do Brasil. Pela cortina fechada, um raio entra furtivamente no quarto do casal Dr. Berg e cai diretamente sobre as pálpebras da senhora adormecida. Ela inquieta-se, pisca, acorda. Uma olhada no relógio: quase oito e meia! Olha para a outra cama – lá só dá para ver uma mecha de cabelo desgrenhada. Satisfeita, ouve a respiração cadenciada do marido.

Enfim uma noite de sono tranquilo! Nenhum chamado noturno, nenhuma consulta nas primeiras horas da manhã! Ela quer aproveitar essa sorte rara. Permanece deitada em agradável indolência. Na cozinha, a empregada trabalha silenciosamente. Fritz e Anni já estão na escola. Só às nove e meia eles vêm e tomam seu café-da-manhã. Incomodar o pai e a mãe pela manhã é terminantemente proibido. Da rua não chega som algum. Como é silencioso e tranquilo o nosso pequeno ninho!

Nesse instante, ela ouve passos apressados, risos e algazarra. As crianças já estão junto à porta do quarto e batem ruidosamente: “Podemos entrar?” Surpresa, a senhora Ilse levanta-se, abre e arrasta-se de volta para baixo do cobertor quente. O doutor está semi-acordado e não entende o que está acontecendo. As crianças transbordam de felicidade: “Hoje não tem escola! Hoje tem revolução!” “Tolice!” Diz o pai irritado, vira-se para o outro lado e tenta continuar dormindo. Fritz, de nove anos, fica um pouco assustado, mas Anni, de sete, continua firme tagarelando: “Não tem nenhuma criança na escola e só um professor esteve lá, e ele disse que deveríamos correr para casa, pois há revolução e podem ocorrer tiros na rua”.

De repente, os pais ficam completamente despertos. Desde a última revolução, os boatos desenfreados jamais cessaram, mas ninguém mais ligava para isso. Nos últimos dias, sem dúvida, eles aumentaram consideravelmente. Será mesmo que...?

As crianças deram a importante notícia e correram, felizes com o inesperado dia livre, para o quarto de brinquedos. Os pais vestiram-se e tomaram apressadamente o café-da-manhã. “Por favor, dê uma olhada na sala de espera e tranquilize as pessoas”, pediu o doutor, “logo estarei lá. Vou só até a intendência para saber o que realmente está acontecendo”.

Fazer as pessoas esperarem sempre foi embaraçoso para a senhora Ilse. Bastava dormir uma vez até mais tarde e todas as cadeiras logo ficavam ocupadas. As mães amamentavam e balançavam os bebês, que choravam, e acalmavam as crianças mais velhas com balas ou com o incomum pão branco. Os homens fumavam cigarros de palha que eles mesmos enrolavam. O piso ficava repleto de cinzas e papéis de bala. Falava-se bastante sobre doenças, milho e porcos, e muito trabalho os aguardava em casa. Hoje, era realmente de se estranhar, a sala de espera estava vazia.

Doutor Berg estava a caminho de descobrir a verdade. O sol irradiava por sobre a deserta rua principal da vila Catupirí. Na praça, os pássaros chilreavam, e mil gotas de orvalho cintilavam sobre a grama. Um cão que estava deitado no caminho aquecia sua pelagem ao sol. Revolução? Ridículo! Tiros? Tola presunção! De repente, percebeu que

* Tradução de Rodrigo Botelho; revisão de Celeste Ribeiro de Sousa. Kuhlmann, Margret: *Revolution*. In: *Serra-Post-Kalender*. Ijuí, Löw, 1957, p. 81-90.

as lojas ainda estavam fechadas. Já passava muito das nove horas, e normalmente às sete a vida comercial já estava em curso. Atravessou a praça rapidamente.

No átrio da intendência ardia uma fogueira luminosa, junto à qual se aqueciam três policiais maltrapilhos com um chimarrão que circulava entre eles. Um quadro de fato não alarmante. Ele caminhou junto ao muro do átrio e dobrou a esquina... e lá estava. Havia um sem-número de pessoas na estrada, sim, e, estirados na sujeira, no sangue e no reboco caído, um, três, cinco mortos. Dr. Berg chegou mais perto. Ali jazia, baleado na cabeça, um velho alemão, participante da Primeira Guerra Mundial, que ele conhecia. Então viu também várias dúzias de baleados junto à intendência. O que acontecera ali? Onde estava o intendente, e o delegado de polícia? Cismado, olhou à sua volta. Antes que alguém pudesse lhe explicar, um carro de aluguel parou ao seu lado. Com o motorista, havia um policial com uma espingarda carregada. O intendente pedia que o doutor fosse ao hospital para tratar de uma pessoa gravemente ferida. No caminho, ele descobriu o que havia acontecido.

Quando Dr. Berg, cerca de uma hora mais tarde, retornou a seu tranquilo lar – o ferido não recobrou a consciência – a esposa veio sorridente ao seu encontro: “Então, conte sobre a grande revolução!” Mas quando reparou na expressão séria do seu rosto, correu ao quarto das crianças para certificar-se de que elas estavam entretidas em suas brincadeiras. Depois ficou diante do marido. “Conte!” Pediu ela.

“Engraçada a coisa não está de jeito nenhum”, começou ele. “A guarnição de Zumbá rebelou-se. O exército pretendia dominar nossa rica colônia por meio de um golpe. O plano militar não era ruim. Como não há exército aqui, precisavam apenas neutralizar os dois homens fortes, o intendente e o delegado de polícia, e, assim, a tarefa seria fácil. Um destacamento de trinta e cinco homens sob o comando de um sargento apossou-se de uma locomotiva e percorreu, na mais completa escuridão, os cinquenta quilômetros até a nossa estação. Ao nascer do sol, eles chegaram, marcharam através da ainda adormecida cidadezinha, enviaram cinco homens à residência do intendente e cinco à do delegado. Os restantes marcharam a caminho da intendência. Acharam que poderiam, com artilharia pesada, amedrontar e dominar a meia dúzia de policiais. Aí veio a primeira surpresa: os rapazes lutaram feito leões...”

Ouviu-se um tropel de passos infantis apressados corredor abaixo, algo estalou contra a porta. Risadas contidas. A porta abriu-se em estreita fresta. “Fooora!” Trovejou o pai. Mas já gritavam como se de uma só boca: “Só queremos saber se amanhã também não tem aula!” “Não! Mas vão embora, senão vai ter!” Um uivo indígena de júbilo afastou-se depressa.

Os pais entreolharam-se sorridentes por um instante. “Continue!” Pediu a mulher. “Bom, eles se enfrentaram bravamente”, prosseguiu o doutor. “Mas disparavam a esmo, sem objetivo e sem comando, e desperdiçavam grande quantidade de munição sem mirar direito. Os agressores, em número muito superior, bem equipados e militarmente preparados, ainda não tinham dúvidas de sua vitória final. Mas como se admiraram quando, planejadamente, após um breve cessar-fogo, mesmo estando eles sob boa cobertura, balas isoladas e certeiras vindas da intendência zuniram em seus ouvidos! De repente, tudo estava organizado. O primeiro perplexo urrava estirado na rua... um morto... o segundo! Era preciso ir para o abrigo. Lá vinham correndo sozinhos e ofegantes os dez que deviam capturar nosso mais alto comando. Ambos os homens escaparam! De maneira inexplicável, de repente estavam na intendência e comandavam a defesa. Nossos velhos gaúchos são mesmo excelentes rapazes!”

“E então os outros fugiram?” perguntou a senhora, cheia de aflição.

“Oh não! Os nossos estavam em uma situação difícil. Imagine só: entre doze e quatorze pessoas insuficientemente equipadas contra trinta e cinco fanáticos fortemente armados e preparados militarmente! Mas quando foi preciso chegou ajuda. Creio que fomos os únicos a acordar tarde. O barulho acordou a cidade inteira. Passamos mesmo por diversas revoluções; é claro que a autodefesa foi providenciada, mas os homens e as armas ainda estão lá. Jovens e velhos empunharam espingardas e revólveres e se precipitaram para o campo de batalha. Em sua indignação, atacaram os perturbadores insultuosamente pelas costas e atiraram em fúria e a esmo. Um dos primeiros a cair foi o sargento. Então houve uma fuga desatinada avenida abaixo até a estação para a locomotiva que deveria raptar o intendente e o delegado de polícia. Assim eles evaporaram, e o fantasma a princípio se foi. O que aconteceu depois, não se sabe ao certo!”

A senhora Ilse acompanhou o relato do marido com interesse crescente. “Pobre Dona Lúcia!” Clamou cheia de compaixão. “O que ela teve de aturar! Tenho de visitá-la ainda hoje!” Com amabilidade maternal, a mulher do intendente cuidara da jovem estrangeira quando ela, dez anos atrás, seguira o marido da longínqua terra natal para as condições primitivas da jovem colônia. A saudade de casa atormentara-a duramente no começo, sobretudo porque o doutor com frequência demorava-se muitas horas em intermináveis viagens a cavalo e, ao voltar, encontrava a sala de espera repleta de pacientes. Aí, Dona Lúcia convidava-a de novo e de novo à sua casa bonita e bem cuidada. Resgatou seu alemão escolar, introduziu-a na culinária brasileira e colocou – oh, que felicidade e alegria! – o piano à sua disposição. A Primeira Guerra Mundial, com as mais diversas e abjetas injúrias, não mudou nada naquela amizade. Dessa forma, estava subentendido que ela visitaria a amiga maternal ainda naquela tarde, depois da experiência certamente difícil da noite.

Encontrou Dona Lúcia com excelente disposição. Primeiro em seu alemão precário, depois em português sempre franco, descreveu os impressionantes acontecimentos. Não era de todo surpreendente para ninguém. De fonte fidedigna tinham vindo, por caminhos há muito organizados e secretos, notícias de um assalto planejado. Por isso, armas e munição foram estocadas na intendência. O intendente e o delegado permaneceram lá durante toda a noite. Morrendo de frio, os homens estavam sentados juntos. Isso durou uma, duas, três horas... por fim, a hora mais desconfortável, antes do nascer do sol, fez os homens tremerem de frio. Nada aconteceu. Com o clarear do dia, mal poderiam arriscar mais um golpe. Após breve deliberação e divisão das sentinelas, decidiram ir para casa.

“A senhora pode imaginar”, prosseguiu francamente Dona Lúcia, “como suspirei aliviada quando meu marido finalmente chegou. Eu não tinha dormido, sempre atenta apenas ao lado de fora. Ele não quis nem mesmo tomar mais um cafezinho, deitou-se imediatamente na cama. Mal tinha se aquecido quando, de repente, bateram à porta da casa com violência. De imediato estava em pé e vestido. Implorei para que ele não fosse até a porta. A essa altura, eu estava absolutamente calma; logo me ocorreu um plano consistente. Com muita pressa, joguei um penhoar sobre os ombros, fui para lá e abri uma estreita fresta da porta. Havia três canos de espingarda voltados contra mim. Imediatamente bati de novo a porta e fiz sinais para o meu marido de que ele deveria sair voando pela porta dos fundos.

Da porta da frente ressoou um furioso “Abre!” Coronhas de espingarda golpearam a porta. Quando então a abri novamente, recuaram um pouco. Um disse: “Por favor, deixe-nos entrar agora, senhora! Temos ordem de prender o intendente.”

“Querida Dona Ilse, não sei de onde tirei forças, deve ter sido Deus mesmo quem as deu. Toda sobranceira, passei uma descompostura nas pessoas: se não se

envergonhavam como militares, que estavam ali para manter a ordem e proteger os moradores! Em vez disso, invadiam a residência de um servidor honrado como baderneiros noturnos, importunavam mulheres e crianças na ausência do pai da família, e eu falava ininterruptamente, enquanto me mantinha o mais distante possível do batente. Ignorar uma mulher e abrir caminho na casa com violência não é tão fácil para os brasileiros. Eu só queria mesmo ganhar tempo para a fuga do meu marido. Quando pude me certificar de que ele não estava mais em casa, pus em meu rosto todo o frio desprezo de que fui capaz e disse: “Por favor, não posso impedi-los, não há homem nem arma em casa”.

Meio decepcionados, aproveitaram a minha intimação, saíram em desatinada carreira por alguns quartos e sumiram pela porta dos fundos. Desabei na próxima cadeira e ri e chorei. Todo o meu corpo tremia. Eu acreditava que meu marido estava em algum lugar do campo em segurança.”

“Querida amiga”, disse a mulher do médico, “pelo que a senhora passou e como se impôs! Gostaria de saber se eu também teria tamanha presença de espírito em situação semelhante! Mas como o coronel chegou à intendência, afinal?”

“Ele correu para a porta dos fundos e olhou pela cortina do postigo – pois, a essa altura, já estava mais claro lá fora do que aqui dentro – dois soldados com espingardas preparadas. Sem hesitar e para se pôr a salvo, alcançou talvez o último caminho de fuga possível sobre a pequena varanda lateral, saltou sobre a cerca e deixou-se cair. A senhora quer ver?” O terreno ali tinha um forte declive, e a distância do chão chegava a perigosos três metros. Um metro à frente encontrou um muro altíssimo como limite para o terreno vizinho. “Eis que o escalou, passando ao jardim dos Silva e de lá seguiu através de arbustos e sebes, pátios e jardins. Seu objetivo era a intendência, de onde já haviam ressoado tiros, mas por esse caminho afastava-se cada vez mais de lá. Depois de breve averiguação, arriscou cruzar a avenida, chegou a um jardim do outro lado e começou novamente a exaustiva escalada, ainda de chinelos, e desta vez na direção certa. Finalmente alcançou exausto o pátio traseiro da intendência. Meu marido tem mais de cinquenta anos. Aquilo foi um feito heróico, não apenas pela coragem e pelo sangue-frio, mas também pelo desempenho físico. E afinal começou de verdade a luta de vida ou morte!”

A senhora Ilse segurou a mão da corajosa mulher e a acariciou. “Estamos todos realmente orgulhosos dele. E como o delegado escapou?”

Dona Lúcia riu. “O Joãozinho? Essa é uma história muito simples. A senhora sem dúvida sabe que ele tem nove filhos, entre quinze e dois anos, um mais bonito que o outro. Todos acordaram logo na casa de madeira. Imagine a senhora nove crianças alvoroçadas, estridentes e chorosas gritando por seu paizinho e pululando em torno dos soldados! Nesta terra, crianças chorando, e ainda por cima bonitas, comovem qualquer coração. Os homens hesitaram, confusos. Acho que eles preferiram pegar o menor nos braços e consolá-lo. Assim o pai pôde fugir facilmente.”

Era uma história simples e assim mesmo digna de orgulho. Ambos os homens teriam facilmente assegurado a vida e a liberdade se tivessem fugido para a floresta. Eles tinham criado uma empatia tão grande com a população, que qualquer colono os teria acolhido, escondido e provido. Não lhes passou pela cabeça deixar o lugar entregue à própria sorte.

Naquele momento todo o pavor havia passado. Mas a rebelião prosseguiu e alastrou-se pelas fronteiras das guarnições. Catupirí organizou sua resistência outra vez; em direção a oeste, a oito quilômetros da vila, atravessando a estrada principal, o delegado de polícia mandou cavar trincheiras. Ele próprio passou dia e noite nessa arriscadíssima

função. Todas as outras vias foram ocupadas pela polícia ou pela guarda. A intendência quase desapareceu atrás das barricadas. Dia e noite, fogueiras ardiam no átrio. Sentinelas foram posicionadas na torre da igreja. O intendente saía todas as noites.

A forte guarnição do sul permaneceu fiel à administração. Mas, apesar de repetidos e insistentes pedidos, de lá não se conseguiu proteção, apenas armas. A rebelião prolongou-se. Aquilo não era bom, pois a experiência adquirida nas outras revoluções mostrou que, com o tempo, o avanço contra a população civil fica cada vez mais brutal. Catupirí era um espinho no olho dos revolucionários. Localizada em sua vizinhança imediata, era como uma ilha de tranquilidade, mantida com seus próprios recursos.

A jovem esposa do doutor também teria ainda oportunidade de receber uma prova. No consultório havia pouco a fazer. Os colonos temiam vir à vila, pois em todas as entradas eram recebidos com espingardas em riste. Em razão disso, muitos alimentos escassearam. Eles preferiam ligar para o seu doutor do telefone dos comerciantes nas pequenas filiais para que ele os atendesse em casa. O serviço municipal concedeu-lhe salvo-conduto; as sentinelas foram orientadas a deixá-lo passar sem problemas. Para ser reconhecido de longe e seguindo o conselho do delegado de polícia, ornou seu carro, à frente e atrás, com um grande pano branco com uma cruz vermelha. Mesmo assim sempre se deparava com canos de espingardas e revólveres. Aquilo, aliás, em determinadas circunstâncias, podia ser perigoso, especialmente quando certa vez um policial não muito sóbrio introduziu o cano de uma espingarda completamente carregada no carro em movimento, bem próximo à sua cabeça.

Certa tarde, ele foi chamado a dez quilômetros de distância, ao ainda perigoso lado sul. Sua mulher, que antes frequentemente o acompanhava, dessa vez ficou com as crianças. Mal andara um quarto de hora e já a população fora avisada pela intendência de que um grande contingente de rebelados de Zumbá estaria em marcha e pretendia alojar-se nas residências. As lojas foram instruídas a fechar. Os moradores deviam manter a calma; tentar-se-ia por todos os meios reter os perturbadores na linha de defesa.

Mais uma vez a senhora Ilse não acreditou na notícia alarmante. Na rua as pessoas faziam grupos. O caso era discutido, em geral, de forma excitada. Sabiam de detalhes: deviam ser dois mil homens, e eles ainda estariam a vinte quilômetros de distância. Naturalmente o número era exagerado, mas era certo que não se podia mais duvidar do fato. Ela calculou que seu marido deveria voltar muito antes da chegada dos militares. Por enquanto era preciso preservar as crianças do medo e do nervosismo. Elas teriam percebido algo no ar. Felizmente, foi ter com elas em seu quarto: “Imagem só, aqueles soldados bobos já querem vir aqui e atirar outra vez! Mas o intendente lhes dará o que merecem! Vamos ver se atiram de novo!” Neste instante estouraram de algum lugar três, quatro tiros. As crianças não perceberam que o susto percorreu as articulações de sua mãe. Ela ouviu atenta por alguns segundos, mas não aconteceu mais nada. “Todos foram atingidos mortalmente?” perguntou Fritz interessado.

Antes de a mãe conseguir responder, o telefone tocou. Ela correu até o aparelho e ouviu a voz do marido do outro lado da linha. Ele estava com o carro quebrado na estrada. Sua mulher devia lhe mandar um mecânico com uma peça de reposição. Não havia! Ela refletiu febril. Rapidamente avisou as crianças: “Todos eles já debandaram. Esperem um instante! Volto já”.

Por sorte, a única oficina ficava na vizinhança próxima. O proprietário não podia deixar a casa e a família sozinhas, mas seu filho mais velho prontificou-se a ir imediatamente. Mas como ele iria? A essa altura o lugar estava hermeticamente fechado, ninguém podia sair nem entrar. Contudo, era imprescindível enviar-lhe ajuda.

Uma tranquilidade imensa tomou conta dela. “Deixe tudo pronto”, disse ao jovem, “volto já”. Ela correu para a intendência pelas ruas vazias. Todas as lojas, todas as

janelas estavam fechadas. Uma expectativa pesada pairava sobre todo o local. Surpresa, mas esperançosa, foi barrada pela forte sentinela diante da intendência. Curta e grossa, exigiu que a deixasse passar. “É a respeito do meu marido!” O médico, sempre disposto a ajudar, era bastante considerado pelas autoridades. Um policial acompanhou-a, contornando o prédio, à frente não havia mais entrada. Sua aparição causou certo sobressalto nos funcionários. Mas quando ela apresentou sua demanda, obteve imediatamente o salvo-conduto solicitado para o mecânico e para o doutor. Ela ainda arriscou mais uma pergunta. Deram de ombros. Ainda não havia notícia alguma vinda da linha de defesa.

Quando, quase correndo, retornou, o mecânico já estava no carro e partiu imediatamente.

De volta para casa, pôde finalmente se dedicar às crianças. Contou-lhes a novidade do infortúnio do pai com o carro. Entretanto, refletiu sobre o que ainda haveria a fazer. Mas não restava absolutamente nada, pois dinheiro e objetos de valor há muito tinham sido levados a um esconderijo altamente seguro. Um quarto de hora se passou, o segundo, agora era quase uma hora inteira. Em sua cabeça martelava sempre o pensamento: que ele chegue! Que ele chegue bem!

Finalmente, finalmente ela ouviu um carro na rua outrora sepulcralmente silenciosa. Aproximou-se, lá estava ele parado em frente à casa! Ela correu para a janela. Ah, não era o carro dele! Mas do carro saiu um bom amigo da casa, um comerciante. “Senhora Doutora”, exclamou ele radiante “o intendente acaba de me telefonar, dizendo que tudo não passou de um engano. A marcha seguiu em direção a uma área fronteira de nome parecido. Foi um equívoco...”

Demorou ainda um mês até que o lugar voltasse ao sossego. Ainda assim Catupirí permaneceu intocada. Mas em outras regiões a violência contra a população da colônia continuou aumentando. De ambos os lados, pessoas foram descobertas e coagidas a seguirem por caminhos infinitos. Quantos filhos de colonos não voltaram. Gado e alimentos foram “confiscados”. O ódio cresceu e tomou formas ameaçadoras. Todo tipo de elemento negro aderiu às armas. A antiga tradição dos degoladores renasceu. Estava na hora de a administração, com todos os meios disponíveis, pusesse um fim à miséria. Certamente não era fácil realizar uma ação coesa no interior, tão imenso, por caminhos impenetráveis devido à lama deixada pela chuva de inverno.

Entretanto, a revolução começou a se fragmentar. As tropas não participavam mais de forma efetiva. Finalmente, os oficiais fugiram das guarnições rebeladas com o restante de seus aliados. Há trinta anos não era tão difícil esconder-se na vasta região; além disso, as fronteiras eram próximas.

Quando, depois, enfim a paz reinou na região, a vila Catupirí cumpriu um compromisso de honra: a única vítima fatal do lugar, naquela primeira noite, o valente alemão, foi enterrado discretamente. Apenas o pastor e o médico acompanharam o seu cortejo. Autoridades e população reuniram-se em um enorme séquito. Flores sobre flores enfeitaram o montículo de terra marrom até que não se pudesse ver mais nada dele.